



Henrique Faria*

16 Dias de Ativismo pelo fim da Violência Contra as Mulheres

Até as crianças andam pesadas

Nos Açores, onde a terra se molda ao vento e às marés, onde as famílias crescem entre tradições que persistem como muros antigos, começa a tornar-se visível um fenómeno silencioso: até as crianças andam pesadas. Pesadas como mulas de carroças apodrecidas, puxando histórias que não são suas. Pesadas como bois que lavram terras duras, mesmo antes de saberem ao certo quem são. Pesadas como ovelhas tosquiadas à falsa fé, vulneráveis ao frio emocional que, tantas vezes, se instala nos lares. Pesadas como porcos que, na velha lógica das casas rurais, acabam transformados em morcelas e chouriços. Sacrificadas, antes, de perceberem que mereciam apenas ser crianças.

E porquê? Porque, ainda hoje, são sobretudo as mães que carregam o Mundo às costas. Elas são cuidadoras, educadoras, planeadoras, trabalhadoras, simultaneamente, bússolas, velas de barcos, onde, tantas vezes, os homens deveriam ser apoio, mas tornam-se âncoras presas aos pés, pensamentos e ações destas. Mulheres que são, de igual forma, plantadoras de emoções, memórias e experiências, na vida das crianças açorianas, dentro de uma cultura, onde o patriarcado, ainda, mexe os cordelinhos invisíveis do quotidiano.

É aqui que a desigualdade de género encontra o seu rosto mais cruel: na saúde mental. A mulher que tudo faz, que tudo prevê e tudo compensa, vive numa pressão constante, que a empurra para um ciclo de exaustão emocional. Todavia, quando ela desaba, não há sociedade que não tremelique das pernas com a sua queda. Porque, quando a cuidadora principal cai, cai, também, o chão e o céu das crianças, simultaneamente, vendo-se presas, num meio termo, plano, raso e seco. Na verdade, estas crianças ficam sem amparo total, sem presença plena, sem silêncio atento de quem consegue perceber, antes mesmo

de perguntar. Ficam, por isso, pesadas - não por falta de amor, mas por falta de saúde mental de quem as ama.

Vivemos, num século, que nos afastou da emoção, substituindo-a por redes "associais", por métricas, por ruídos. Deixámos que o estigma crescesse, chamando "doidos", "malucos" ou "desvairados" a quem sofre, esquecendo que todos temos uma cabeça, onde mora uma mente que pede cuidado.

Continuamos a fingir que, se não falarmos, passa, como passa a bruma matinal... Mas não passa.

A cereja caiu, não no topo do bolo, mas no topo da sociedade que agora começa, finalmente, a humanizar a saúde mental. É nesta humanização que reside a esperança: no reconhecimento de que equilibrar a carga emocional das mulheres não é um capricho feminista, mas uma urgência social. Porque, quando aliviámos o peso das mães, também, aliviámos o das crianças.

Sejamos humanos, humanizemo-nos e aprendamos a cultura maior de todas, a de usar o que somos, simples, genuínos e curriqueiros, para cuidar sem ferir, para crescer sem esmagar, para apoiar sem calar.

Nos Açores, onde a vida sempre soube equilibrar tempestades, talvez seja tempo de aprender a equilibrar, de igual forma, os pesos invisíveis que as mulheres carregam, para que as crianças possam, finalmente, andar leves.

* Assistente Social

Campanha 16 Dias pelo Fim da Violência contra as Mulheres 2025



Chrys Chrystello*

Proteção animal

A Provedora do Animal nos Açores entende que deve ser proibido o uso de cavalos e bois para tração de charretes e carroças. E coloca também em causa o uso de animais nas festas do Espírito Santo, por causa do sofrimento que lhes é infligido.

Foram declarações de Dagmar Sampaio, dia 14 novembro, numa audição parlamentar, que propõe que "os cavalos deixem de puxar charretes nas ruas de Ponta Delgada, alegando que muitos destes animais são sujeitos a práticas que infligem "sofrimento". "Sejam cavalos para tração de carroças, sejam bois, para a tração de alfaias, julgo que, se não tivermos a ousadia de as proibir, o tempo estará do nosso lado e se encarregará de fazer o que ainda não foram capazes".

Esta audição foi a propósito de um projeto de decreto regional proposto por Pedro Neves, parlamentar do PAN (partido das Pessoas, Animais e Natureza), que defende a "reconversão de veículos de tração animal", como as charretes utilizadas em atividades recreativas e turísticas, a pensar no bem-estar animal, mas também na segurança rodoviária.

O PAN alega que "É fundamental promover a reconversão desta atividade, não apenas por razões de empatia e respeito pelos preceitos de bem-estar animal, mas também por questões de segurança rodoviária e proteção social e económica. A proposta pretende abrir caminho a práticas mais éticas e sustentáveis, alinhadas com os valores de uma comunidade que valoriza a dignidade de todos os seres vivos". "A crueldade contra animais é uma realidade grave e cada vez mais reconhecida como um indicador de risco para outros crimes violentos". Países como Espanha, França, Itália, Reino Unido e até os Estados Unidos avançaram significativamente nesta matéria. Por exemplo, o FBI, desde 2016, classifica os crimes contra animais como "crimes contra a sociedade", reforçando a importância de uma legislação mais rigorosa e eficaz.

Já a proponente justifica a medida com a "crescente preocupação com as condições adversas a que os animais estão expostos durante o exercício destas atividades",

muitas vezes "sujeitos a um elevado esforço físico" e, por vezes, até "excessivo", devido ao peso dos veículos e dos seus ocupantes, da irregularidade das estradas e até da "exposição prolongada a temperaturas elevadas".

Eu que até concordo com a medida, bem como com a abolição de touradas (elas tradição ou o que quiserem) entendo que a senhora Provedora (bem-intencionada ou ingénua?) não conhece a realidade destas 9 ilhas. Quando fala de "cavalos para tração de carroças" ela ignora que nos meios rurais, na maioria das ilhas eles existem porque os seus donos não têm meios para transportar o leite em carrinhas motorizadas (as carrinhas de vaqueiro como eu lhes chamo), nem o podem transportar às costas. São normalmente pobres e entre os que têm menos meios, daí usarem carroças de tração animal. E devo admitir que nunca vi tantos como agora, em mais de duas décadas na ilha de S. Miguel (zona rural da costa norte). Muitos sabem do aumento da pobreza rural, do envelhecimento da população, da falta de meios de subsistência que obrigam a esse uso de carroças, menos a senhora Provedora. Antes de proibirmos devemos dar meios às pessoas que usam essas carroças, mas a charrete de PDL (e de outros locais nas ilhas) pode ser substituída já! (por uma com motor elétrico não poluente).

Haverá abusos e maus-tratos nalguns casos (afinal os Açores lideram as estatísticas de violência doméstica, se tratam mal os humanos identicamente o farão aos animais), mas pior do que isto são os animais em cativeiro (por exemplo, cães amarrados sem comida, sem "chip" nem vacinas). Tanta coisa que está mal e a senhora Provedora veio falar disto! E as touradas?

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)